

## NOTAS PARA PENSAR A ÉTICA, A EDUCAÇÃO E A ESCOLA

Notes to think the ethics, the education and the school

**José Silvio de OLIVEIRA**

Universidade Federal de Goiás – Campus Avançado de Jataí

### Introdução

No momento em que em nome da ética o discurso se torna fragmentado, pluralizado, é necessário interrogar pela sua natureza e estrutura. Como pensar hoje as questões da convivência, da cidadania, da democracia, da autonomia, da igualdade, da justiça e da liberdade, visando ao bem comum, quando a força motriz das representações, do simulacro e do imediato desgoverna, desorienta e fragmenta o rumo e o sentido da cultura, das tradições, da história, da existência da humanidade? Se a educação, na era da mundialização, parece perder sua *arkhé*, princípio fundante de sua existência, é preciso perguntar pelo seu sentido e gênese. O que prevalece e parece dar sentido às relações políticas, econômicas e sociais são os conceitos de competitividade, qualidade total, eficiência e eficácia. Pensar em uma outra sociedade, cultura, educação e escola é, em primeiro lugar, destruir os velhos costumes, desapropriar as arraigadas práticas e hábitos ancorados no reino do banal, da insignificância, da dissimulação, do pronto e acabado. É romper com essa força que desaloja e desabriga o homem de sua morada.

Com advento da modernidade as concepções e idéias sobre ética se multiplicaram como uma produção em série, a todo o momento fala-se em ética, os discursos são cada vez mais intensos e diversificados. Então, em que medida se pode falar da ética numa sociedade caracterizada pela multiplicidade e variedade de concepções? Como é possível sustentar uma concepção de ética num mundo em que as representações sociais se encontram em processo constante de desmoronamento, de ruína, descaracterizando o sentido da escola, da educação, das instituições e da vida humana?

Reportando ao momento mais amplo que a sociedade contemporânea atravessa, a questão ética na civilização ocidental se tornou verdadeira armadilha, labirinto minado, reflexão esgarçada e banalizada. O horizonte ético que se apresenta é um horizonte opaco, caracterizado pela pluralidade e diversidade de concepções. Esse cenário histórico-social expressa uma verdadeira crise de sentido e de significações. O homem da contemporaneidade parece não saber mais o que significa ser cidadão, o que significam os valores. Emerge cada vez mais o banal, o trivial, o vulgar, a insignificância. A reflexão sobre a ética se inicia com uma análise de caráter semântico, cuja finalidade é desvelar o obscurecimento das raízes lingüísticas do termo na realidade histórica, abrindo dessa forma um caminho de reflexão rigorosa, crítica e segura para se pensar a natureza, a estrutura e o significado da ética.

## 1. A questão ética

Etimologicamente o vocabulário grego se valia da palavra ética em dois sentidos distintos. O *êthos* escrito com a vogal inicial longa “ $\eta$ ” (*eta*) significa caráter, maneiras de ser, expressa morada, abrigo, habitação do homem e do animal em geral. Indica fundamentalmente o modo de ser, o estilo de vida que qualquer pessoa dá à sua existência. Designa índole, temperamento, pode-se dizer que é o conjunto de características físicas e psíquicas que permitem distinguir e reconhecer uma pessoa entre as demais, ou seja, são as disposições naturais dadas ao homem para agir de uma maneira ou de outra. A raiz semântica dessa designação de casa, morada, abrigo, remete à idéia de que o ser humano vive coletivamente sua habitação: o *êthos* é feito de projetos, sonhos, desejos, trabalhos, normas, costumes, hábitos, formando um campo *praxeológico* durável, um verdadeiro ambiente vital em que a vida humana pode fruir. A analogia da morada indica, a partir do *êthos*, um espaço em que o homem pode viver organizadamente: o *êthos* faz um mundo habitável, diferentemente do caos. Distintamente dos animais, o homem é chamado a construir sua morada, seu

abrigo, modelar seu estilo de vida, sua maneira de ser, pelo *éthos* ele pode construir seu destino. Nesse contexto, Aristóteles investiga a forma, a configuração, dos modos, dos costumes dos homens se constituírem como humanos, o caráter ou a índole dos seres humanos vivendo juntos em uma determinada sociedade. Esse cenário histórico-social expressa uma verdadeira crise de sentido e de significações. O homem da contemporaneidade parece não saber mais o que significa ser cidadão, o que significam os valores. Emerge cada vez mais o banal, o trivial, o vulgar, a insignificância. A reflexão sobre a ética se inicia com uma análise de caráter semântico, cuja finalidade é desvelar o obscurecimento das raízes lingüísticas do termo na realidade histórica, abrindo dessa forma um caminho de reflexão rigorosa, crítica e segura para se pensar a natureza, a estrutura e o significado da ética.

Ao escrever com a letra inicial *epsilon* “ ε”, (*éthos*) significa costume, hábito, usos. Designa a constância do comportamento do indivíduo, supõe a repetição de atos, processo genético do hábito, maneira habitual de proceder e de comportar-se, é aquilo que se faz rotineiramente. Por ser uma disposição costumeira, essa propensão individual não é algo imutável, inabalável, mas dinâmico, ativo, se modifica, transforma, toma nova forma. “O termo dessa gênese o *ethos* – sua forma mais acabada e o seu fruto – é designado pelo termo *hexis*, que significa o hábito como possessão estável.”<sup>1</sup> Esse sentido significa lingüisticamente uma disposição para agir de determinada maneira. Então o valor da ética não está em deliberar normas imutáveis, regras fixas e prontas para o comportamento do homem; seu objetivo não está em determinar o que o homem deve ou não fazer. Sua finalidade não se direciona para prescrever tipos de condutas, mas se justifica ao explicar o sentido do conteúdo da *virtude ética*, isto é, busca exprimir o sentido racional, intencional e voluntário das ações do homem. O modo de agir se constitui por uma repetição de atos, porém, entra em contradição com os impulsos do desejo do homem. Isto significa dizer que as ações humanas não são necessárias, mas possíveis, pois decorrem de deliberação e escolha. São possíveis e não previsíveis. Lê-se em Aristóteles:

Parece haver também um outro elemento irracional na alma, mas este em certo sentido participa da razão. [...] Conseqüentemente, o elemento irracional parece dúplice. O elemento vegetativo, todavia, não participa de forma alguma da razão, mas o elemento apetitivo e em geral o elemento concupiscente participam da mesma em certo sentido, até o ponto em que a ouvem e lhe obedecem.<sup>ii</sup>

A reflexão aristotélica sobre a formação do caráter está ligada ao hábito e à instrução, por isso requer tempo para que o homem possa desenvolver suas potencialidades. Diferentemente dos seres inanimados, o homem tem a capacidade de aperfeiçoar os atos com o hábito. “Por exemplo, a pedra, que por natureza se move para baixo, não pode ser habituada a mover-se para cima, ainda que alguém tente habituá-la jogando-a dez mil vezes para cima.”<sup>iii</sup> O homem necessita de aprendizado constante, o caráter pode ser formado, moldado pela educação. Como ser de potência ele pode atualizar cotidianamente seus feitos, a partir da razão. “Agir de acordo com a reta razão é um princípio geral.”<sup>iv</sup> Aristóteles sabe muito bem que sua investigação é um assunto de natureza imprecisa. As ações e os comportamentos do homem são imprevisíveis, como ser situado e enraizado no mundo ele se move em meio às possibilidades, é um ser contingente. O homem pode habituar-se e acostumar-se às mais diferentes e diversas situações.

Não sendo uma aptidão natural, o hábito é uma disposição (*héxis*)<sup>v</sup> do homem, disposição essa que lhe permite adquirir um modo estável de ser. Sendo um ser de sentimentos, só ele chora, sorri, sente, tem desejos. O desejo é uma inclinação natural, todo homem pode desejar o prazer, o dinheiro, ser honrado; deseja sempre fugir à dor, às situações inconvenientes e adversas. O desejo no homem pode ser uma propensão externa, quando impelida por algo exterior (*hormé*)<sup>vi</sup>, ou ser uma inclinação interna (*oréxis*)<sup>vii</sup>, quando impulsionado pelo caráter. Todo homem experimenta essa dupla dimensão. A dor, a paixão, o sentimento são elementos inerentes à sua vida. Na existência humana o desejo é paixão (*páthos*).<sup>viii</sup> Desde o nascimento o homem experimenta essa dimensão que está à margem de sua escolha ou vontade. Certos atos não trazem a marca da diferença específica do homem, pertencem a ele como uma necessidade natural,

são apenas atos do homem. Essa é a dimensão do *páthos*, o modo natural, a maneira instintiva de ser do homem. O *páthos*, o desejo não é apropriado para dirigir a ação humana, ou a vida humana. Somente com o esforço e a dinamicidade do *éthos* o homem pode se desprender da passividade, sendo assim cria e inventa novo estilo, nova configuração, a sua maneira de ser. O *éthos* na existência humana é compreendido dialeticamente. A partir da disposição habitual, o homem experimenta a capacidade de repetir os mesmos hábitos, porém nem sempre isso é possível.

A finalidade primordial da ética não se refere às ações concretas, mas sua finalidade é dar uma orientação estável, segura, segundo um desígnio ou uma finalidade a ser alcançada a partir dos hábitos adquiridos. A ética é inseparável da reflexão, do discernimento, da inteligência e da liberdade. O agir do homem realiza e define o sentido ético, isto é, a ação humana identifica e caracteriza o modo de o homem estar no mundo, revela seu modo *práxico* de ser, de acordo com a reta razão. Segundo Aristóteles, agir de acordo com a reta razão é uma disposição dada à alma, disposição permanente de repetir os mesmos hábitos, um aprendizado que acontece na prática. Nesse sentido a virtude ética tenham uma finalidade voltada para o bem.

Essa constância do *ethos* como disposição permanente é a manifestação e como que o vinco profundo do *ethos* como costume, seu fortalecimento e o relevo dado às suas peculiaridades. O modo de agir (*tropos*) do indivíduo, expressão de sua personalidade ética, deverá traduzir finalmente, a articulação entre o *ethos* como caráter e o *ethos* como hábito.<sup>ix</sup>

Por meio da transliteração dos vocábulos *éthos* (costume) e *êthos* (caráter) juntamente com o vocábulo *héxis* (disposição), constitui-se, em um primeiro nível de análise, o objeto a ser definido etimologicamente. Sendo assim a ciência do *ethos* é a ciência da *práxis*, ou a prática que se funda na excelência *areté*. A *areté* significa, “capacidade, qualidade, mérito, valor que faz de um indivíduo o mais excelente, o coloca num patamar de excelência corporal, intelectual, psíquica, ética, moral política, artística.”<sup>x</sup> A ética então, é ciência da *práxis* e tem como

finalidade o aperfeiçoamento, a excelência do agente moral, ela é a ação que o homem realiza. Segundo Aristóteles, a *práxis* deve ser conduzida pela reflexão, moderação e justiça, tendo em vista a prática de atos justos e moderados. “A *práxis*, por sua vez, é mediadora entre os momentos constitutivos do *ethos* como costume e hábito, num ir e vir que se descreve exatamente como círculo dialético.”<sup>xi</sup> Essa dialética é investigada rigorosamente por Aristóteles.

Ademais, toda excelência moral é produzida e destruída pelas mesmas causas e pelos mesmos meios, tal como acontece com toda arte, pois é tocando a cítara que se formam tanto os bons quanto os maus citaristas. [...] Logo, acontece o mesmo com as várias formas de excelência moral; na prática de atos em que temos de engajar-nos dentro de nossas relações com outras pessoas, tornamo-nos justos ou injustos; na prática de atos em situações perigosas, e adquirindo o hábito de sentir receio ou confiança, tornamo-nos corajosos ou covardes. O mesmo se aplica aos desejos e à ira; algumas pessoas se tornam moderadas e amáveis, enquanto outras se tornam concupiscente ou irascíveis, por se comportarem de maneiras diferentes nas mesmas circunstâncias.<sup>xii</sup>

Se o homem na dimensão ética vive sob a circularidade entre formar o seu caráter (*êthos*), aperfeiçoando sempre mais a *práxis* (*práxis*), através dos hábitos (*êthos-héxis*), tendo em vista, a reta razão, a moderação, a justiça e o bem, então a ética consiste na realização do homem durante toda a sua vida. A partir de uma escolha voluntária, intencional, em conformidade com a razão, então é possível afirmar: a casa, a morada do homem nunca está definitivamente concretizada, pronta. Aristóteles entende que a excelência moral, *sophrosýne* é um estado, disposição que o homem adquire, não é algo natural, não está no homem por natureza. Ainda que apoiada na natureza humana, ela depende da prática, da aquisição de um hábito, costume. “Portanto, nem por natureza nem contrariamente à natureza a excelência moral é engendrada em nós, mas a natureza nos dá a capacidade de recebê-la, e esta capacidade se aperfeiçoa com o hábito.”<sup>xiii</sup> As ações humanas não são possíveis de previsibilidade, mas para as possibilidades o homem tem que escolher entre os extremos a medida mais adequada, ou o menor dos males possíveis. “Mas não é fácil determinar

racionalmente até onde e em que medida uma pessoa pode desviar-se antes de tornar-se censurável.”<sup>xiv</sup> É muito difícil optar e, segundo Aristóteles, a escolha não é algo simples de se definir. A deliberação ou a decisão exige moderação e discernimento, *phrónesis* e sobretudo sabedoria, conhecimento. Somente o homem sábio, moderado e excelente é capaz de escolher e deliberar justamente. Ao decifrar o saber ético para o campo da ação, *práxis*, Aristóteles acaba por revelar a versão humana da natureza *phýsis*.<sup>xv</sup> E então a ética revela sua própria estrutura como saber definido podendo ser descrito como ciência da *práxis*. A ação humana revela sua própria identidade como artefato de reflexão e o agir humano é objeto característico da experiência moral

O sentido de ética só pode ser apreendido e definido em relação aos comportamentos, aos atos e às práticas realizadas pelo homem em sua vida prática, na história e na cultura. Os modos de ser e de agir estão interligados de modo indissolúvel. A ética é *a ciência do ethos* e pode ser apreendida e descrita objetivamente, pois acontece na realidade humana, isto é, na realidade histórica, na vida social e na cultura. Os modos de ser e de agir estão interligados de modo indissolúvel. O que o homem busca e deseja em sua existência? Qual a finalidade da ação dos homens?

O ser humano não é um ser pronto, acabado, mas que se vai fazendo aos poucos, por isso existe uma correspondência entre o *éthos* (costume) e o *êthos-héxis* (hábito) que se prolonga na constância e na continuidade da *práxis*. O conjunto das ações humanas se subordina a um fim último que é o bem supremo, o bem soberano e este é o exercício mais perfeito da ação humana.

O fim a que visa todo o agir humano é a felicidade (*eudaimonía*)<sup>xvi</sup> ninguém a escolhe por outras razões a não ser por ela própria, tida como bem supremo realizável e que pressupõe o uso da razão. A felicidade “é um primeiro princípio, pois todas as outras coisas que fazemos são feitas por causa dela, e sustentamos que o primeiro princípio é causa dos bens, é algo louvável e divino é uma certa atividade da alma conforme a excelência perfeita”.<sup>xvii</sup> É um fim a ser desejado, buscado e apreendido constantemente, e nenhum outro fim pode ser superior a este. A felicidade pelo seu grau de auto-suficiência (*autárkeia*)<sup>xviii</sup>, supera o prazer,

a honra, o dinheiro, a riqueza, ou seja, o homem ao escolher a felicidade não está mais sujeito a carências porque escolheu a parte de todo o resto que torna a vida boa e feliz.

A felicidade é a condição mais alta que o homem poderá alcançar, é a concretude da vida humana, o ideal mais elevado e nobre, realiza todas necessidades e capacidades do homem. A felicidade a que se refere Aristóteles não é a felicidade do homem que leva uma vida isolada, solitária, mas a auto-suficiência da felicidade acontece na *pólis*. A *eudaimonía* é a felicidade de maneira mais elevada, não é um momento, “não é um acessório da contemplação, mas algo inerente a ela, pois a contemplação é preciosa em si mesma. Diferentemente da sorte, destino (*moira*) ou da graça dos deuses, é possível aprender a ser feliz na vida, nos negócios propriamente humanos. Estar em conformidade com a razão é função própria do ser humano, é o exercício da atividade racional operada pela *areté*.

O bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com a excelência, e se há mais de uma excelência, de conformidade com a melhor e mais completa entre elas. Mas devemos acrescentar que tal exercício ativo deve estender-se por toda vida, pois uma andorinha não faz verão (nem o faz um dia quente); da mesma forma um dia só, ou um curto lapso de tempo, não faz um homem bem-aventurado e feliz.<sup>xix</sup>

## 2. Ética, Educação e Escola

No momento em que a educação parece ter perdido a *arkhé*, o princípio fundante de sua existência e os termos educação e escola se tornam praticamente sinônimos, é preciso esclarecimento, elucidação e, como condição prévia, pensar a origem, a natureza e o sentido da educação e da escola. Sem essa prévia elucidação, qualquer debate, discurso ou iniciativa sobre o posicionamento ético, torna-se sem sentido, sem lógica ou se presta aos domínios do capital. Nesse sentido a educação não passa de um instrumento ideológico, pelo menos para a

grande maioria das pessoas. Qual a natureza, o sentido da educação e da escola na sociedade contemporânea?

A discussão da educação e da escola na atual sociedade parece desmantelada. Interrogar o sentido da escola é perguntar se ela tem privilegiado a formação cultural em sentido amplo, se tem como fundamento e finalidade de seu trabalho, a vida humana, a existência autônoma. A escola tem se constituído de modo a contribuir na educação, na formação e na instrução do homem moral e intelectual? Será que a formação tem sido pautada na cultura, de modo que o homem possa agir no sentido da construção da vida pessoal e coletiva autonomamente? Em que medida se pode afirmar que a escola tem privilegiado o homem em sua dignidade e contribuído para a formação do homem excelente? Será que o trabalho da escola tem elevado e enobrecido o sentido da verdadeira construção da sociedade? Se a escola parece perder sua razão de ser em meio ao imediatismo, ao banal e à insignificância generalizada, é necessário interrogar se ainda pode realizar a sua autonomia e em que medida isso pode acontecer. Se o horizonte do trabalho da escola se confunde com o horizonte do rentável, do pragmático, do tecnicismo, da eficácia e eficiência da qualidade total, como criar homens e mulheres capazes de discernimento?

Como pensar a ética da autonomia no interior das escolas brasileiras, de modo que os homens e as mulheres sejam capazes de deliberar em prol da justiça, da igualdade para a realização da existência humana, da vida em seu sentido mais nobre, excelente? Quando se pensa em romper com banalidades e trivialidades conceituais e em educar o homem para a autonomia, para a vida justa, para a invenção e a realização de uma outra educação e de uma outra escola, é preciso pôr em evidência o motivo da existência dessa instituição, bem como saber a sua finalidade no plano cultural.

A separação entre cultura, ciência e tecnologia e o desequilíbrio entre as áreas de ciências físicas e biológicas e as humanidades, em termos de cultivo, valorização, influência formativa e recursos, presentes hoje na formação de crianças, jovens e adultos pela mídia e escola básica, são preocupantes. [...] Acresce-se a isso a excessiva preocupação com o imediato, o útil, o prático, o

mercado e o consumo; a supervalorização da prática em detrimento da teoria, da experiência e da prática como decisivas na formação profissional, da experiência do cotidiano e da prática como fundamentais na formação dos educadores; e o imaginário que privilegia a educação pela vida, em detrimento da escola, dos livros, da teoria Eis os sintomas e expressões e irracionalismos e da anticultura.<sup>xx</sup>

Em virtude de sua lógica própria, o mundo da tecnociência, em nome do progresso científico, desqualifica a envergadura e as competências das ciências humanas. Além disso, parece que o homem contemporâneo muitas vezes perde o senso de dignidade e responsabilidade para com sua morada simbólica, a ética. Diante das incertezas da atividade científica, o que está em jogo não é a busca da verdade, mas a impossibilidade de separá-la de suas condições e conseqüências. Como pensar um horizonte cultural, ético e educacional a partir da idéia do bem comum, de modo que a escola possa realizar a dimensão ampla da cultura e da educação? O sentido da cultura deve ser entendido no plano dos campos do simbólico, das significações, das artes, das letras, dos valores, das virtudes, da linguagem, da inteligência moral. O homem é criador de símbolos. Referindo-se à visão de mundo e de sociedade, o olhar do historiador consegue discernir os contornos da história que aos poucos vai se desenhando.

Sabemos que, por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da incerteza de resultados detalhados, as forças históricas que moldaram o século continuam a operar. Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor, que ele não pode prosseguir *ad infinitum*. O futuro não pode ser uma continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana. As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano. Nosso mundo corre o risco de explosão e

implosão. Tem de mudar. Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto. [...] Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão.<sup>xxi</sup>

Se a crise histórica, o esgotamento do sentido e o dismantelamento da cultura são acontecimentos de ordem mundial, do ponto de vista da educação e da escola é preciso pensar como criar uma escola autônoma. O que está em jogo é a formação do homem em sua vida pessoal e coletiva. O vínculo entre ética e educação se efetiva na criação de uma escola que possa educar o homem por inteiro. Numa sociedade marcada por concepções, idéias fragmentadas, instrumentalizadas a respeito do mundo, do humano, do social, do conhecimento, do saber, a escola cada vez mais é chamada a ser essencialmente educativa. A escola pensada como instituição educativa pode e deve contribuir com a verdadeira educação. Portanto, investigar o seu sentido e a sua natureza, é interrogar se o trabalho que realiza visa formar pessoas capazes de criação e invenção do novo, pessoas capacitadas para pensar o que ainda não foi criado, nem inventado, para exercer a excelência intelectual e moral na mais alta e digna *areté*. Educação e escola remetem à ação formadora do ser humano, o que pressupõe democracia, igualdade, justiça e, sobretudo, autonomia. Nesse novo começo de século, a história assume de modo decisivo um percurso fortemente atrelado ao ideário neoliberal, e cada vez mais, se torna uma referência na tentativa de sintetizar e caracterizar a sociedade contemporânea. O neoliberalismo, mais que uma tendência do pensamento liberal, tem se consolidado dentro da sociedade como um movimento político e econômico.

Ao pensar a ética, a educação e a relação que as constitui, pode-se dizer que elas envolvem o homem em sua totalidade, por inteiro, dizem respeito aos atos e às experiências formativas da mente, da capacidade intelectual do caráter, da capacidade moral dos indivíduos e da coletividade. A educação implica contribuir para que o homem supere seus limites naturais, dando-lhe uma nova configuração que só se realiza na vida social e cultural. No dizer de Miguel Arroyo,

no plano da ética é preciso romper, transgredir com a prática e com teorias pedagógicas fundadas na concepção capitalista.

Como é possível termos que tratar crianças e jovens como números? Como simples candidatos ao mercado, às competições, ao concurso, ao vestibular? Que valores estão em jogo nessa visão de infância e da juventude? Que valores regem a visão petrificada do conhecimento em grades e disciplinas? Essa visão técnica permite e aconselha regulamentar a escola como se fosse um mundo de objetos e não de pessoas. Horários, composição e distribuição de turmas, notas, conhecimentos, são regulamentados como objetos, até os educandos e educadores administrados como objetos e não como gente que carrega para a escola sentimentos, cultura, pulsações.<sup>xxii</sup>

Se a crise ética se instala no sistema educacional imposto pelo ideário neoliberal, então, insistir nesse itinerário é um convite a reproduzir a velha e sempre nova irracionalidade capitalista. “Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formulados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão.”<sup>xxiii</sup> Se o discurso ético se tornou desgastado e contraditório, é preciso perguntar que tipo de homem a escola quer formar. As considerações de especificidade ética, também não deixam de ser mais uma injunção, considerando a proposta ética dos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares? Elba Barreto enfatiza:

Embora a velha versão da Educação Moral e Cívica seja veementemente descartada sob o argumento de que se propõe a ensinar valores e atitudes consideradas de antemão corretos, como pertencentes a um conjunto de regras acabadas a serem impostas por força da autoridade, a nova roupagem de que se reveste a área não a descaracteriza em termos do seu propósito primeiro.<sup>xxiv</sup>

A ação pedagógica, quando não pensada com responsabilidade, pode conduzir a uma escola sem autonomia, a um aprendizado instrumentalizado, a um conhecimento atrofiado, a uma técnica inútil, a uma formação incompleta, a um saber desqualificado e, portanto, a uma educação negada, enfim, à produção de existências e de sociedades sem democracia e injustas. É evidente e manifesta a

situação que se apresenta à educação e à escola: a competitividade, a evasão, a seletividade, o fracasso de uma escola imposta de cima *para baixo*. São evidências inquestionáveis e, por mais que os gestores do sistema educacional tentem ocultar e vender a realidade, a situação salta aos olhos.

Do ponto de vista da sociedade e da cultura moderna o homem não mais deseja ser alguma coisa, a sociedade atual não mais se deseja como sociedade. Segundo Castoriadis, “se ela não deseja ser, é porque ela não pode nem manter nem forjar uma representação de si mesma que seja capaz de afirmar e valorizar, ou engendrar um projeto de transformação social ao qual possa aderir e pelo qual queira lutar.”<sup>xxv</sup> A sociedade contemporânea é caracterizada pela perda de sentido, parece esgotar o sentido dos valores sociais como, justiça, solidariedade, equidade, igualdade, prudência, enfim, os valores éticos e morais que concernem à própria auto-representação social perderam sua razão de ser. O que parece sobressair como único, é o sentido do mundo capitalista, aparentemente autônomo, e cuja significação tem se expandido. O conjunto de símbolos, de valores afetivos e sociais são então investidos e construídos segundo a lógica do mercado. Entretanto, o sentido racional, afetivo e simbólico que deveria solidificar a base da sociedade está obliterado, eclipsado e brilha o horizonte das concepções e visões do mundo econômico e da razão instrumental.

A cultura escolar atual é revestida de fracasso, desânimo, desorientação, “ela se tornou um penoso ganha-pão para os educadores, uma imposição tediosa para os alunos.”<sup>xxvi</sup> De modo amplo essa crise talvez possa ser elucidada e traduzida na recusa da *atividade do pensar*.

É impossível não reconhecer o imediatismo, a rapidez e a lentidão das transformações e mutações da sociedade contemporânea. Muitas vezes essa força impulsora do mundo moderno tira o professor de sua morada natural e arranca o aluno de seu abrigo, de modo que eles ficam desorientados, desorientados. Essa imperiosa força em função das circunstâncias lhes rouba o tempo, a disposição e as condições para estudar e refletir, sendo essa realidade visível nas escolas. As teorias e práticas são adotadas sem o trabalho da reflexão, da crítica, da contestação. Enquanto a escola não for pensada no plano das

significações, do simbólico, da cultura, da educação no seu sentido amplo não poderá criar autonomia. É pouco provável que se possa pensar uma sociedade democrática, justa e fraterna quando a escola se desvincula do processo cultural. A escola é em primeiro lugar uma instituição de seres humanos, formadora de seres humanos, mas na sociedade contemporânea ela insiste em criar o mundo da *não-educação* e em grande parte contribui para uma formação reducionista, instrumentalista, limitada, fortemente atrelada ao mundo da técnica.

Quando o Ministério da Educação delibera e oficializa os debates e discursos o faz em nome de quem? Do *status quo*? Da cooperação internacional? A lei (*nomos*) estabelecida é uma escolha de quem? É uma escolha democrática, comporta a igualdade? Quando sistematiza, organiza e distribui o saber, o faz em nome de quem? “Quanto mais as idéias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com significado próprio.”<sup>xxvii</sup>27 Hoje o sentido e a natureza da educação e da escola em geral ficam reduzidos à lógica do mercado. Em que medida se pode dizer que a educação e a escola da sociedade atual são democráticas? Pode-se dizer que a escola atual traduz a justiça, igualdade e ética?

Nossos problemas de *educação* na verdade não passam de problemas da escola. O próprio Ministério da Educação não vai além da escola, nada mais é do que um Ministério das Escolas, ou melhor, Ministério das Coisas das Escolas. E então educar, formar, escolarizar e ensinar se tornam sinônimos de transmitir informações, repassar, socializar saberes prontos e sistematizados, a serem apropriados e consumidos, bem como de profissionalizar, instrumentalizar os alunos para enfrentarem a vida, o mundo do trabalho, o mercado. A isso também às vezes se chama, ingênua e equivocadamente, de “democratização da escola.”<sup>xxviii</sup>

Quando perde sua natureza educativa, a escola se presta ao domínio de outrem, perde sua natureza e sentido. Se a escola tem em si a dimensão de instituir, criar, edificar e fundar suas leis, a partir de suas próprias raízes e de modo autônomo, o processo educacional não pode ser constituído fora da dimensão ampla da educação, mas deve superar a educação individualizada,

instrumentalizada e profundamente mercadológica. A educação interessa ao homem em sua totalidade, em sua vida histórica, social e cultural. A escola deve formar o homem em todas as suas potencialidades, educá-lo para a instituição da existência humana.

Quais os costumes vivenciados na nossa escola? Quais são os hábitos que se fazem presentes no interior da escola? São hábitos virtuosos, moderados, traduzem o sentido e a natureza da educação na escola? Ou, são hábitos que privilegiam as irracionalidades do mundo do fazer (*know-how*)? Um dos hábitos visíveis na escola é o da não-leitura. Quando muito os alunos são habituados a leituras simplificadas como se a realidade pudesse ser algo simples e fácil de se desvelar. A prática do não-estudo se tornou um vício constante no interior das escolas e tal deficiência não é fácil de ser superada.

Outro hábito que se constata é a valorização do processo avaliativo. A importância está nas notas, nas avaliações e nas provas, em detrimento do conteúdo a ser ensinado e aprendido, como se não fosse importante o pensar, o aprender, o assimilar o saber como realidade viva que modifica e transforma o social. Se o sentido primeiro da escola é garantir a nota, segue-se a *cola*, o plágio, a compra e a venda de trabalhos escolares, se paga a qualquer preço para ter notas e conceitos, contanto que se passe de ano.

Outro costume arraigado na prática escolar é o apego demasiado às datas comemorativas, desconsiderando seu sentido, seu significado e seu valor histórico, prevalecendo uma prática de encenações (teatros, festas, compra e venda de fantasias, produtos e etc.) que atendem mais ao mercado dessas instituições do que ao *saber* propriamente dito que a escola deveria promover. O tempo gasto com esse fim é roubado ao tempo do verdadeiro trabalho pedagógico, cuja finalidade primeira é apoiar a criação do processo de ensinar e aprender.

Sem falar na violência e na corrupção generalizada que acontecem nas instituições escolares a partir do próprio processo educacional, talvez um dos maiores hábitos adquiridos, que possa ser considerado como fio condutor dos demais, é o de enganar e furtar o próprio sentido e natureza da educação e da

escola. Contrariando o ideário neoliberal assumido pela escola atual a partir da tecnologia, do mundo produtivo, a escola deve contribuir para que alunos e professores cultivem sempre mais a reflexão, o trabalho da crítica, superando os limites do mundo da mídia, o excessivo desregramento do mundo tecnicista, e rompendo com as teorias e práticas pedagógicas de fundo neoliberal. Ao insistir em reduzir a escola à dimensão do saber instrumental e mercadológico, o homem da contemporaneidade nega o verdadeiro sentido e natureza da educação. “Se o humano é algo a ser criado, inventado, humanizar é assumir o convite, o imperativo ético e político de realizar possibilidades que estão acima e além dos limites pessoais e institucionais.”<sup>xxix</sup> Considerar a ética, a educação desse ponto de vista, não é impor *de cima para baixo* as questões da escola, mas a partir dela e por ela, pensá-la em sua diversidade e pluralidade, como instituição educativa, formadora de seres humanos.

O problema é simplesmente educar de tal modo que um *porem- ordem* continue sendo efetivamente possível, ainda que não possa nunca é claro ser assegurado. Nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; precisamos por basearmos nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruimos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura.<sup>xxx</sup>

A esperança está sempre pendente e a *atividade do pensar* é tarefa e desafio fundamental para professores e alunos da sociedade contemporânea. A esperança está pendente no “novo”, isto é, nas crianças que nascem. Centrar o trabalho da escola em teorias, em métodos e em práticas prontas e acabadas é abortar prematuramente a originalidade e criatividade do homem em sua essência cultural.

### **Considerações Finais**

Nessas circunstâncias, as crianças ficam inseridas em um mundo supostamente pronto, acabado, tudo não passa de uma realidade simplificada e estática. Nada mais resta a fazer, senão, falar o que já foi falado, pensar o que já foi pensado, como se tudo estivesse pronto, acabado. Então, de nada adiantaria

propor aos alunos, criatividade e originalidade nas redações, pesquisas, dissertações e teses, se tudo já foi dito e pensado, só lhes restam o plágio, a cola, a repetição, “tal retrocesso nunca nos levará a parte alguma, exceto à mesma situação da qual a crise acabou de surgir.”<sup>xxxii</sup>31 O que está em jogo é a *obra do homem*, a humanização em sentido pleno. Supõe então superação e criação de uma nova concepção das práticas educativas, portanto de uma nova escola, caso contrário, é negado o direito de ser, de se fazer essencialmente humano. O direito de ser agente da educação, sujeito de cultura e da autonomia.

### **Bibliografia**

ARISTÓTELES. *Política*. 3.ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ética a Nicômacos*. 4.ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 2001.

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e auto imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5.ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. *Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras*. 2.ed. Campinas: Autores Associados. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2000. (Formação de Professores).

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto IV: a ascensão da insignificância*. Trad. Regina Vasconcelos. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v.4.

COÊLHO, Ildeu Moreira. A educação, a cultura e a invenção de uma outra escola. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO DO CENTRO OESTE, 6, 2003, Campo Grande. Anais Eletrônicos... Campo Grande. 2003, p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Filosofia e educação. In: PEIXOTO, José Adão. (Org.). *Filosofia, educação e cidadania*. (Org.) Campinas: Alínea, 2001, p.17-70.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. 2.ed. Trad. Marcos

Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2001.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 2.ed. São Paulo:Ed. Loyola, 1993. (Filosofia).

### O autor

**José Silvio de OLIVEIRA** é professor de Filosofia do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação Brasileira (UFG), Especialista em Comunicação Social (USF/SP), Licenciado em Filosofia (FEBE/SC), Formado em Administração de Empresas Rurais (UFLA).

#### Para citar este artigo:

OLIVEIRA, José Silvio de. **Notas para pensar ética a educação e a escola**. *Intellectus – Revista Acadêmica Digital das Faculdades Unopec*. Sumaré-SP, ano 02, nº 04, jan./jul. 2005. ISSN 1679 - 8902.

Texto recebido para publicação em: Junho de 2005.

Publicado em: Setembro de 2005.

<sup>i</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia II*, p.14.

<sup>ii</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1102b.

<sup>iii</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1103a.

<sup>iv</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1104a.

<sup>v</sup> O termo *Héxis* (ἕξις) significa disposição constante ou relativamente constante, posseção estável, disposição deliberada. “Este termo significa, primeiro disposição natural do corpo. [...] pode designar também uma disposição adquirida pelo uso ou pela educação. Num mundo sem substância e sem identidade, a *hexis* testemunha a possibilidade de adquirir um *habitus* relativamente estável.” VERGNIÈRES, Solange. *Ética e política em Aristóteles*, p. 26.

<sup>vi</sup> A palavra *Hormé* é derivada do verbo *ormáo* (ορμαω) significa lançar, empurrar, instinto, desejo, por em movimento, se refere ao movimento violento em direção a alguma coisa, impulso violento, desejo profundo, ímpeto. Refere-se ao desejo quase incontrolável, impelido e movido por circunstâncias externas.

<sup>vii</sup> O termo *Órexís* (ορεξις) significa apetite, vontade, desejo, é um impulso que impele um ser vivo à ação, visa à satisfação de necessidades. Diferentemente do desejo *hormé*, o desejo *órexís* não provém das circunstâncias externas, mas provém do interior daquele que deseja, faz parte da natureza do desejante.

<sup>viii</sup> A palavra *Páthos* do grego (παθος) do verbo sofrer ou do substantivo dor, sentimento, paixão. Significa afeição, modificação passiva. Também significa emoção, no sentido de sofrer uma ação

ou ser influenciado por ela. O *páthos* está sempre à margem de uma decisão e vontade do homem, é aquilo que se sente, que se sofre afetado por circunstâncias exteriores. Na acepção da dimensão do *páthos* entraria tudo o que a natureza oferece ao homem sem que este tenha intervindo ou colaborado de maneira ativa em sua existência.

<sup>ix</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia II*, p.14.

<sup>x</sup> COELHO, Ildeu Moreira. Filosofia e educação. In: PEIXOTO, José Adão. (Org.). *Filosofia, educação e cidadania*, p.23.

<sup>xi</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de Filosofia II*, p.15.

<sup>xii</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1103b.

<sup>xiii</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1103a.

<sup>xiv</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1109b.

<sup>xv</sup> O termo grego *Phýsis* ( φύσις ) significa natureza, conota também o sentido *genésis* ( γενναω ) que significa gerar, no masculino nascer. Para os filósofos gregos a *physis* é entendida como força criadora capaz de gerar todos os seres, dela advém todos os princípios e também o princípio primeiro. “A *physis*, portanto, é essa força que faz nascer e crescer todas as coisas, essa realidade primeira e última, permanente, isto é, não segunda, dependente e passageira a força que desvela a *arkhé* de todas as coisas. ”. COELHO, Ildeu Moreira. Filosofia e educação. In: PEIXOTO, José Adão. (Org.). *Filosofia educação e cidadania*, p.21. Não é aquela física definida após Galileu a partir da experimentação ou que entendemos no mundo moderno. “Não é também o produto de uma reflexão ingênua e espontânea da razão sobre a natureza. Transpõe, sob uma força laica e num vocabulário mais abstrato a concepção do mundo elaborada pela religião”. VERNANT, Jean Pierre. *As origens do pensamento grego*, p. 82.

<sup>xvi</sup> A palavra *Eudaimonia* ( ευδαιμονια ) significa felicidade, prosperidade de bens, êxito de bens, qualidade excelente, designa estado de satisfação, situação do homem em relação ao mundo.

<sup>xvii</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1102a.

<sup>xviii</sup> A palavra *Autárkeia* é derivada de autós ( αυτος ) significa mesmo, exatamente igual, eu mesmo, tu mesmo, ele mesmo, mais *arkéo* ( αρκειο ) significa ser suficiente bastante, auto-suficiente, a *autarcia* é a autosuficiência e a independência para existir, agir e julgar, do ponto de vista ético-político é o ideal mais alto a ser alcançado, pois significa liberdade e independência, nesse sentido é livre e independente quem encontra os princípios para governar sua vida.

<sup>xix</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*, 1098a.

<sup>xx</sup> COELHO, Ildeu Moreira. A educação, a cultura e a invenção de uma outra escola. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO DO CENTRO OESTE, p. 2.

<sup>xxi</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*, p.562.

<sup>xxii</sup> ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*, p.141.

<sup>xxiii</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, p.223.

<sup>xxiv</sup> BARRETO, Elba de Sa. Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras, p.39.

13

<sup>xxv</sup> CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto IV, p. 23.

<sup>xxvi</sup> CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto IV, p. 18.

<sup>xxvii</sup> HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*, p. 30.

<sup>xxviii</sup> COELHO, Ildeu Moreira. Filosofia e educação. In: PEIXOTO, José Adão. *Filosofia, educação e cidadania*,

p. 55.

<sup>xxix</sup> COELHO, Ildeu Moreira. Educação, escola, cultura e formação. In: ENCONTRO REGIONAL DE PSICOPEDAGOGIA, p. 29.

<sup>xxx</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, p. 243.

<sup>xxxi</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*, p.245.